



«O ANJO ANCORADO» — Novela de JOSÉ CARDOSO PIRES com «ESTUDO SOBRE O AUTOR», de ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Das obras literárias que resistem ao tempo, mesmo que nalguns casos se trate de reduzido tempo, nunca está feita a crítica. Todos sabemos isso, embora muitos que o sabem afectem ser de displicente opinião contrária: que a crítica está feita, não vale a pena falar de uma segunda, de uma terceira edições. Eu penso, porém, que uma grande obra literária, quer do passado, quer do presente, deve merecer *sempre* a atenção da crítica.

Não estão os críticos literários portugueses, por via de não serem profissionais da crítica, em condições de se referir sempre a reedições das grandes obras. E é realmente pena pois seria possível, em condições diferentes, chamar a atenção do público para li-

vos nos quais se pode efectuar a descoberta de novos aspectos que a evolução da vida provoca e que acontece valorizá-los.

Perfilhando esta opinião, sinto-me perfeitamente à vontade ao vir escrever sobre uma obra a que não me referi na altura da sua primeira edição, obra que considere e considero notável, e hoje com maiores perspectivas.

Se bem me recordo «O Anjo Ancorado», de José Cardoso Pires, produziu nos meios intelectuais, na altura do seu aparecimento, uma sensação de surpresa, deixando muita gente interloquée. Que pretendia «O Anjo Ancorado», qual o significado do título perante o contexto da obra? Creio mesmo que os embaraços maiores surgiram para a explicação do título do livro. Achando-o enigmático, perdeu-se de vista a própria novela para, afanosamente, se lhe buscar uma explicação. E não a encontrando, pelo menos convincente, decidiu-se pelo hermetismo e pela gratuidade. De resto, Cardoso Pires, em tal aspecto, dá sempre dores de cabeça às pessoas. Já assim em «O Render dos Heróis» e ultimamente em «O Hóspede de Job». Porém, se os leitores, especialmente os leitores ditos intelectuais, procurassem nas obras o que está dentro delas, se procurassem entregar-se-lhes sem ter em conta os discutíveis campos marginais da literatura, certas obras e os seus títulos seriam muito mais fáceis de explicar.

Como Pinheiro Torres refere, a citação introdutória do livro, «Notícia do Cerco de Bizâncio», é claramente elucidativa do título da obra. Mas mesmo que não houvesse citação não seria um título, supostamente enigmático, que invalidaria o conteúdo de uma novela plena de sugestões como é «O Anjo Ancorado».

Sem dúvida que Cardoso Pires é um escritor de certo modo desconcertante. Os seus ca-

Por
ARMANDO VENTURA
FERREIRA

minhos, pelo menos os mais modernos, não primam pela facilidade. Mas quanto mais difícil é um escritor desde que indiscutível o seu talento, mais atraente é a sua obra, e aliciantes os caminhos a que ela nos conduz. Em tal caso, quanto mais diversas forem as interpretações, maior o seu interesse. Pois só o que é uniforme é susceptível de receber aplausos ou repulsas gerais, negando, monotonamente, a diversidade da criação artística, e sua interpretação. Ora se a maioria dos leitores ou comentadores de José Cardoso Pires aderiu a «O Hóspede de Job», creio que não terão sido muitos os que o fizeram em relação a «O Anjo Ancorado». Não levantamos o problema de planos de valor entre uma e outra obra. Mas a simbologia de «O Hóspede de Job» é talvez mais acessível ao leitor, mercê da sua escrita mais directa e de serem as suas personagens mais terra a terra, que o não são assim, por exemplo, as duas personagens centrais de «O Anjo Ancorado».

O local onde se passa a história desta novela não deve ter sido escolhido ocasionalmente. Sem nos atirar à cara com os contrastes da vida, José Cardoso Pires não pode impedir-se de no-los dar. De resto, quer queiramos, quer não, estamos todos os dias em contacto com eles. Acontece é que, muitas vezes, os afastamos como coisas incómodas da nossa vista; fugimos com o corpo; encolhemos os ombros, corremos para evitar-mos o que nos persegue, seguindo pelas ruas laterais a fim de nos subtrairmos ao que é desagradável. Contrastes sempre, a toda a hora, em qualquer local, entre o pequeno mundo que habitualmente vivemos e o vasto mundo que

nos cerca, palpitante de vida.

Ora José Cardoso Pires em «O Anjo Ancorado» força-nos à evidência. Começa por aquela rua em que um automóvel catita, transportando duas pessoas bem instaladas na vida, abrange o espaço vital da miserável S. Romão. Continua no rapazinho que vai procurar vender a renda que ainda não está pronta, a quem a pode comprar. Segue depois com o velho arriscando a vida na caça ao perdigoto. Mesmo neste caso, ainda o contraste entre a luta do velho que anseia comer a ave preferindo negociá-la apesar da fome, e a caçada submarina de João que mata um peixe por desporto, embora ambos arrisquem a vida. E depois a corri-

da de velocidade entre a mulher que faz a renda e que é vencida pelo automóvel, cujos ocupantes já dela se esqueceram. Eles, os que falam convictamente da arte, nem pensam que a rendeira ficou chorando com a renda nas mãos.

A noção de vida em José Cardoso Pires, não sendo nem retórica nem polémica de deliberada intenção, é-o não obstante assim, pelo simples facto de a retratar. É, portanto, a própria vida que é polémica. Pois enquanto «*João e Guida discutem, com aparente calma e profundidade*», «*o sexo dos anjos*» como diz Pinheiro Torres, o contraste continua: o velho do perdigo-

(Continua na pág. 14)

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuação da pág. 3)

to, a mulher da renda, não têm ocasião de discutir essas coisas, quando muito por graça ocasional se referirão maliciosamente a coisas parecidas.

Reparo agora que talvez me esteja a afastar da pura atitude crítica e dos seus éfes e érres, ou pelo menos do tom que tácitamente se entende por tom crítico. Mas há livros que nos sugerem tanto de vida que esquecemos frequentemente que a vida, neles, está traduzida em literatura. Pois na verdade, um grande livro só o é quando dele podemos dizer: isto é literatura; tal como de um grande quadro dizemos: isto é pintura. Ora o que José Cardoso Pires tem pretendido ser, até agora, nos seus livros, é ser um escritor e só o conseguiu usando uma linguagem que é a única «nobreza» válida do escritor. E ao falar assim não posso deixar de concordar com Pinheiro Torres, no seu aliás lúcido e equilibrado ensaio, quando ele fala do estilo de José Cardoso Pires: *«E vem a talho de foice dizer que ele é possivelmente o escritor português contemporâneo que mais à vontade entra nos meios mais diferentes, desde o camponês até às personagens da alta burguesia, o que revela a sua profunda atenção a tudo o que o rodeia, além de constituir prova de vasta e diversa experiência humana. Ora tal fidelidade não acompanha nem os exotismos regionais, o que pode ser amplamente visto onde se conserva apenas o espírito duma linguagem, nem*

os solecismos característicos da gente analfabeta ou semi-analfabeta. A fidelidade na transcrição mantém-se ao nível dos achados coloquiais que diferenciam os diversos extractos, procurando dar-lhes força estilística e um poder de sugestão que nada tem que ver com uma fácil contemporização com a «cor local».

Parece-me isto muito importante, não só para definir uma das características essenciais do estilo literário de José Cardoso Pires, como para verberarmos certa tendência da nossa literatura de ficção que, em vez de conservar «o espírito duma linguagem», prefere «os exotismos regionais» e contemporiza facilmente com a «cor local» dos meios que

descreve. Fazer literatura parece ser o próprio do escritor, tal como fazer sapatos é a finalidade do sapateiro. Isto de tão intuitivo é por vezes esquecido e não há que pactuar noutro sentido, com os que, julgando-se espíritos muito práticos, dizem desdenhosamente «isto é literatura!». Felizmente que um escritor como José Cardoso Pires faz literatura, excelente literatura, digamos. Demonstram-no contos como «Carta a Garcia» e «Week-End», a peça «O Renter dos Heróis», esta novela «O Anjo Ancorado», que considero a sua obra-prima e o belo romance que se chama «O Hóspede de Job».

Armando Ventura Ferreira